

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XXIX

DOI: [https:// dx.doi.org/10.14195/1647-8657_29_13](https://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_29_13)

ISSN: 0084-9189



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1990

SUPPLEMENTA ITALICA, 3 (nuova serie). Edizioni Quasar, Roma, 1987. 240 pp. ISBN 88-85020-84-1. / -4.

Publicado com o contributo do Consiglio Nazionale delle Ricerche italiano, o volume tem apresentação de Margherita Guarducci e Silvio Panciera, responsáveis por parte do projecto, em curso, de revisão dos monumentos epigráficos romanos da Itália.

Após referirem as dificuldades financeiras que atrasaram um pouco a edição, aludem às outras iniciativas itálicas no âmbito epigráfico. O primeiro dos suplementos abarcou três cidades: Ferentinum, Pisaurum e Falerii Novi; o segundo, quatro centros: Velitrae, Histonium, Teate Marrucinatorum e Vada Sabatia. O terceiro abrange, agora, oito cidades: da Regio III (Lucania et Bruttii), Locri, cuja epigrafia Marco Buonocore estudou; Tegianum, Cosilinum, Atina, Volcei e Eburum, a cargo de Vittorio Braco; da Regio IV (Sabina et Samnium), Corfinium, por M. Buonocore; finalmente, da Regio IX (Liguria), a Luna ad Genuam, da responsabilidade de Giovanni Mennella.

O esquema adoptado em cada capítulo foi o seguinte: as colectâneas que se actualizam^{am}; a bibliografia epigráfica; outra bibliografia essencial; adenda e corrigenda às notícias históricas dadas pelas colectâneas a actualizar. Vêm, em seguida — e esta é a parte mais importante e densa do trabalho — os aditamentos e correcções aos monumentos epigráficos incluídos nos *corpora* actualizados. Páginas bem recheadas, sem divisão em parágrafos para poupar espaço. Os textos vêm identificados com os números originais, a negro; apenas se deixa um centímetro em branco para mais nítida separação. É compreensível o esquema adoptado, numa época em que o factor económico se impõe como fundamental. Não poderemos esquecer, porém, que o volume se destina a servir primordialmente como livro de consulta; nesse caso, toma-se difícil saber, por exemplo, que CIL X 21 teve nova leitura na p. 17 ou que CIL X 33 continua perdida. A existência de índices analíticos nas pp. 35-36, relativos aos monumentos epigráficos de Locri, não serão inúteis monograficamente mas de pouco interesse prático resultam, uma vez que falta, no final do livro, um índice geral que os refira. O ideal teria sido, em meu entender, optar-se por uma fórmula que tudo reunisse no fim, com indexação da página e não da epigrafe.

Termina cada capítulo pela indicação dos “novos textos”, ou seja, daqueles que foram publicados após a edição dos *corpora* que ora aqui se actualizam. Apresenta-se, de cada um, breve síntese que compreende: descrição sumária, dimensões, lugares de achado e paradeiro, bibliografia, leitura, fotografia e sumaríssimo comentário (a referir, v.g., questões onomásticas, históricas e a datação proposta).

As fotografias apresentam-se, de um modo geral, com bom contraste; há notável esforço para superar as dificuldades inerentes, nomeadamente, ao mau estado da epígrafe ou à sua localização pouco acessível. Penso que, amiúde, se ~~toma~~ preferível apresentar / torna uma fotografia, ainda que má, a não apresentar nenhuma. E nem sempre se têm à mão os meios técnicos necessários para uma boa imagem, colhida do melhor ângulo — como, só para citar dois casos, deve ter acontecido com os números 10 e 11 da p. 81. Creio, porém, que a utilização dum pano de cor neutra (branco ou preto) como fundo teria permitido reproduções mais “interessantes” do ponto de vista gráfico. Refiro, para ilustrar esta opinião, as fotografias das pp. 163 e 164, que teriam ganho em “leitura” se houvessem sido destacadas, com um fundo, do ambiente que as rodeava. De resto, regista-se, curiosamente, na p. 168, a adopção de dois critérios distintos: na primeira fotografia, parece não ter havido qualquer preocupação com o fundo; na segunda, o monumento foi “recortado”. A primeira fotografia apresenta, aliás, uma nitidez invejável — mas não teria sido interessante mostrar exactamente como é que a peça termina na parte inferior? Já agora, parece subentender-se do texto que o monumento, achado em 1964, já em 1982 fora dado como desaparecido. Nesse caso, de quem é a fotografia? Decerto de Van Wouterghem que, apesar de conhecer o monumento desde 1965 (data de apresentação da sua tese de doutoramento, onde o incluiu) só em 1984 a publicou, de modo que apenas *L'Année Épigraphique* desse ano (1984, 306) a pôde inserir, isto é, quase vinte anos depois da sua descoberta. Este caso leva-nos a salientar, mais uma vez, a necessidade de, em cada país, se criarem, quanto antes, revistas que pontualmente veiculem os novos achados para os circuitos científicos internacionais.

Se se folhear o volume na parte respeitante aos novos textos, depressa nos apercebemos de que ele constitui uma solução de compromisso entre um *corpus* ‘stricto sensu’ e um estudo epigráfico. A informação cinge-se ao essencial; aponta pistas, não as explora; evidencia os aspectos fundamentais mas não se detém, remete para a bibliografia.

De um modo geral, não é evidente o critério que determinou a sequência das epígrafes novas em cada capítulo do volume: podemos ter aqui o texto funerário dos *Vetinii* (n.º 6, p. 77) e, mais adiante (n.º 10, p. 81), a homenagem prestada a um *Gresius*.

A observação dos vários índices pode trazer — apesar das limitações já apontadas — preciosas informações, porque, de facto, se em algo pecaram foi por excesso que não por defeito. Veja-se, a título de exemplo, que, na p. 86, no item dos “deuses, deusas, heróis e vida religiosa” sobre Manes se manda confrontar “Dii Manes”, que está... três linhas antes; na p. 87, sob o título “sacerdotes e instituições religiosas”, refere-se a ocorrência de *pontifex maximus* que figura, como é habitual, nos títulos do imperador Tito, que vêm transcritos no item imediatamente a seguir. Uma leitura menos atenta levaria a pensar que estávamos perante um *pontifex maximus* fora do comum. Agrada-nos, porém, que os *cognomina* sejam apresentados por ordem alfabética e se repita, em relação a cada um, a identificação completa de quem o usou.

Gostaria que os autores tivessem sido, aqui e além, menos sintéticos. Uma ara como a n.º 6 da p. 77 mereceria, em meu entender, um tratamento mais dilatado, até porque, se bem depreendo do comentário (onde se não cita qualquer bibliografia anterior), a epígrafe estava inédita. Referirei, em primeiro lugar, que me parece evidente, na l. 7, o *L* do *praenomen* *L(ucius)*, que — decerto por lapso — o editor não considerou. Por outro lado, teria quicá sido interessante realçar a utilização do gentílico no plural para identificar irmãos: ~~*Lucius*~~ *Vetiniis Paulo et Severino*. Estou a recordar, do *conventus pacensis* (Lusi-
L(ucius))

tânia), o texto CIL II 5131 (= IRCP 623), onde a sigla C que precede os cognomes *Alpinus, Civis, Severus* e *Albinus* parece corresponder precisamente ao gentilício comum ? / — *C(orneli)7*; ou mesmo CIL II 5176 onde li ~~ffueti~~ ANNII P(ublil) f(ili) bini, “os dois Lúcius Ânios, filhos de Públio” (IRCP 91). *L(ucii)*

Interessam-me bastante os aspectos da vida quotidiana e familiar patentes nos epitáfios e, por tal motivo, essa imponente ara achada em Caggiano (Volcei — Regio III) talvez merecesse algumas reflexões mais. V. Bracco sublinha que “o dado mais interessante” do monumento é a referência ao duumvirato. Eu não seria tão peremptório. “Interessante” é, por exemplo, que, numa epígrafe de contexto eminentemente funerário, o dedicante se diga *aedilis* e *duumvir*, menção só justificável em contexto honorífico. A razão revela-se-nos, porém, na fórmula final: é que *Vetinius Severus* mandou gravar a memória em vida; daí, não ter resistido a, sub-repticiamente, dar conta do seu currículo municipal, para que o futuro o não olvidasse. O monumento perpetua a memória dos dois filhos, Paulo e Severino; da esposa “mãe dos filhos” e da “dedicada Acilia”, *Aciliae benemerenti*. Será curioso verificar, por isso, a parte final do texto: “suis Pont(iae) Esperidi et Aciliae Soteri et sibi vivos fecit”. Considera V. Bracco (no índice, p. 87) que *vivos* está por *vivus*, no singular. Mas não será *vivos* o aposto também de *Pontia Esper* e de *Acilia Soteri*? Quicá se possa mesmo concluir que o dedicante homenageia “os seus”—expressão onde parece poderem englobar-se os filhos, a mulher e Acília, decerto já falecidos — mas também, dentre os vivos, ele próprio e as citadas Pôncia e Acília, presumivelmente duas *Ubertas*, / li uma delas, por certo, da *Acilia benemerens*. E já se reparou que o nome da “mãe dos filhos” é, simplesmente, omitido?

Claro, toda esta problemática não poderia caber no comentário que se pretende cingido aos aspectos fundamentais dum monumento epigráfico. Mas talvez em duas ou três *Unhas* se pudesse ter sugerido (ou enunciado) essa anáUse. / li

li / *In* vulgar também, do ponto de vista textual e mesmo formal, é a dedicatória (já referida) feita a Crésio Libão (n.º 10, p. 81), igualmente procedente do território de Volcei. Trata-se duma enorme placa (210X95X36) sem decoração, talhada eventualmente em mármore (o material não vem referido), com o seguinte texto, em letras que deverão ser de módulo bastante grande (não são dadas as medidas e a fotografia, feita obliquamente, não tem escala); [*praenomen*]. GRESIO. C(aii). F(ilio)/ HOR(atia tribu)/ LIBONI. FRATRI. O que é curioso é a omissão da identificação do(s) dedicante(s), tanto mais que, sendo li / homenagem famiUar, e dada a forma do monumento, mais parece pedra fronteira de li / jazigo que placa honorífica de lugar púbUco. É natural que os anteriores investigadores já se tenham debruçado sobre o assunto e valeria a pena, por isso, ter aqui a síntese da sua opinião.

Poder-se-iam multiplicar, como é óbvio, comentários deste tipo, mormente se tivermos em conta a riqueza e a multiplicidade do material que este volume 3 dos *Supplementa Italica* nos proporciona. Mas seja-me permitido, ainda, que chame a atenção para a particular beleza do epitáfio ora guardado no Museu de Corfinio, constituído por dez dísticos elegíacos aqui reproduzido sob o n.º 17 (pp. 154-156); e que faça mais uma reflexão de índole onomástica.

Quando, em 1984, publiquei de novo CIL II 66 (IRCP 271), referente a *Q. Peticius Rufus*, de Pax Iulia, assinaei o facto de esse gentilício na Península Ibérica só se documentar também em Lisboa (CIL II 192 e 289, identificando a mulher de um edil), correspondendo muito provavelmente a um imigrante itálico. Ora, é curioso verificar agora que a epígrafe n.º 65 de Corfinium (= EE VIII 151) regista um liberto chamado precisamente

T. Peticius Hispanus (pp. 187-188). O referido movimento migratório obtém, desta sorte, mais um argumento abonatório.

Em suma: pela densidade e rigor da informação que transmite, este volume constitui, acima de tudo, a demonstração cabal do incansável e permanente labor de revisão do (quase) inesgotável espólio epigráfico itálico, a que uma briosa equipa de investigadores, dirigidos por Margherita Guarducci e Silvio Panciera em boa hora souberam lançar ombros.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO